



## **Memórias de família: a construção da identidade e a ausência paterna em *Azul corvo*, de Adriana Lisboa, *Mar azul*, de Paloma Vidal, e *O inventário das coisas ausentes*, de Carola Saavedra**

Patricia Mariz da Cruz\*

Em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2011), Stuart Hall afirma que, na contemporaneidade, conceitos como identidade e nação foram questionados, abalando a concepção estável que vigorava desde o Iluminismo. Se a identidade do indivíduo era definida no momento de seu nascimento e pelo seu país natal, atualmente isso já não é mais considerado. Para o teórico, a identidade é uma construção formada mediante os relacionamentos com os outros indivíduos e que se finda somente com a morte. Logo, ela é um processo histórico, diversa e multifacetada e, por isso, contraditória. A partir disso, o sujeito encontra-se deslocado, pois as certezas do passado não existem mais e a sua identidade demonstra ser conflitante em sua vida cotidiana, configurando-se como uma crise para ele.

Diante disso, as narrativas de *Azul corvo*, de Adriana Lisboa, *Mar azul*, de Paloma Vidal, e *O inventário das coisas ausentes*, de Carola Saavedra, desvelam-se. Em comum, as personagens buscam o entendimento de si, de suas identidades. Essa necessidade é despertada mediante a experiência de estar em uma cultura estrangeira. A vivência no novo lugar e o conseqüente sentimento de não pertencimento fazem com que elas procurem no passado os vestígios dessa

\*Doutoranda em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense (UFF).

compreensão, o que acontece por meio da volta à terra natal e da sensação de segurança – que não existe no país estrangeiro –, além da (re)construção da história familiar. Esta, no entanto, provoca uma dificuldade nesse processo: a família não demonstra ser uma aliada nessa busca, pois a figura paterna, que geralmente está associada à sensação de segurança e à afetividade, na realidade é considerada um estranho. Dessa maneira, como pode haver a compreensão subjetiva se não há nem o conhecimento nem o entendimento do outro?

As histórias se desenvolvem a partir de tal impasse. Em *Azul corvo*, temos a protagonista Vanja, uma adolescente de treze anos que se muda para o estado do Colorado, nos Estados Unidos, a fim de encontrar e conhecer o pai biológico, Daniel, logo após a prematura morte materna. O estranhamento com a cultura se mistura com a vivência com outro estranho: Fernando, o ex-marido de sua mãe e seu pai perante as leis. É nessa procura paterna, juntamente com a adaptação no novo país, que a adolescente se divide entre passado e presente, e entre os bairros de Copacabana e Lakewood, visando ao entendimento dessa nova experiência e também dela própria.

Diferentemente do que acontece na história de Adriana Lisboa, em *Mar azul*, a narradora-personagem conhece o pai, mas, assim como Vanja, busca o entendimento dele. A protagonista de Paloma Vidal é uma senhora idosa, que rememora a sua infância e juventude em seu país de origem, a Argentina, ao ler os diários do pai que foram deixados de herança. O relacionamento entre eles foi interrompido após a partida dele para Brasília, deixando-a sob os cuidados da mãe de Vicky, sua melhor amiga. A ausência paterna marcou a vida da narradora e é somente em sua velhice que ela encontra a possibilidade de conhecê-lo melhor. No entanto, a leitura faz com que ela volte ao passado e rememore as suas experiências juvenis, compreendendo

como elas a afetaram, além de lhe dar acesso ao que ela considera a escrita íntima paterna. Assim, os diários do pai, ao mesmo tempo, ajudam a protagonista a se entender e se sentir mais próxima dele.

Esse mesmo relacionamento difícil entre pai e filho é abordado em *O inventário das coisas ausentes*. O romance se divide em dois capítulos, “Caderno de anotações” e “Ficção”, e se centra nas relações familiares. Enquanto a primeira parte é focada na história de Nina e de sua família que migrou da Espanha para o Chile, passando pela Argentina, até chegar ao Brasil, e nas tradições que foram perdidas nesses trajetos, a segunda parte é sobre o relacionamento entre o narrador e seu pai, caracterizado por incompreensões mútuas, pelo medo e pela mágoa. O pai chama o filho para lhe entregar dezessete diários, que devem ser lidos apenas depois de sua morte, procurando, desse modo, fazer com que não haja mais desentendimentos entre eles. Os cadernos íntimos expõem a vida do pai, que tem a intenção de explicar à prole os motivos pelos quais tomou certas atitudes e as razões pelas quais se manteve tão afastado emocionalmente do narrador.

Dessa maneira, as narrativas apresentam a mesma temática: a relação entre identidade e a paternidade, afetada diretamente pela ausência paterna. Esse relacionamento se mostra evidente em solo estrangeiro, pois este acentua os conflitos sentidos pelo indivíduo contemporâneo. A hostilidade e a insegurança da terra estrangeira fazem com que somente no passado seja possível se ter um referencial para a constituição da identidade. Com isso, é possível perceber que, nas histórias, há a necessidade de compreensão de si, mas isso só se torna possível ao entender o outro. Nos romances, este, porém, demonstra ser desconhecido e de duplo significado, já que pode ser interpretado como o pai, mas também como a cultura estrangeira.

Assim, é por meio dos estudos de Edward Said, Julia Kristeva, Stuart Hall, Eurídice Figueiredo e Stefania Chiarelli que este trabalho apresenta como objetivo refletir e analisar as temáticas que se descortinam nesses romances, problematizando o contexto atual. A estrangeiridade, a alteridade e a ausência paterna são temas que se desenvolvem nas histórias de Adriana Lisboa, Paloma Vidal e Carola Saavedra, que também podem auxiliar na compreensão da constituição do indivíduo contemporâneo.

### **Estrangeiridade e alteridade**

No romance *O inventário das coisas ausentes*, a personagem Nina diz que “não é possível falar do outro sem falar de si mesmo” (Saavedra: 2014, 46). Essa frase ratifica o que a teórica Flora Süssekind (1993) afirma ser uma característica da produção literária brasileira contemporânea: o relato íntimo. Este se acentuou principalmente após a década de 1980 e evidencia uma subjetividade em crise, já que há a escrita sobre as questões pessoais, tornando pública a intimidade ao expor os sentimentos e as dúvidas das personagens, que podem também ser iguais às do indivíduo atual. Com isso, as narrativas fazem o leitor ser uma espécie de *voyeur*, além de possibilitarem a identificação dele com os questionamentos e as experiências que estão contidos nas histórias.

Essa exposição da vida íntima revela que há uma busca pelo conhecimento de si. No entanto, quando nos remetemos à afirmativa da personagem Nina, isso somente se torna possível quando se fala sobre o outro. Dessa maneira, podemos perceber que a identidade é construída mediante o contato com a outra pessoa, ou seja, perante as relações sociais. E, assim, vemos a narrativa de Carola Saavedra se descortinar: é somente a partir do entendimento do outro que

se pode chegar à compreensão subjetiva. Essa mesma questão se revela em outros dois romances da nossa produção literária atual: *Azul corvo* e *Mar azul*.

Nas três histórias, há em comum, além do relato íntimo e da busca pelo conhecimento de si e do outro, o deslocamento para uma cultura estrangeira. Em *Azul corvo*, a protagonista Vanja se muda para o Colorado, nos Estados Unidos, após a morte da mãe, Susana. Apesar de ter nascido no país norte-americano, ela se reconhece como brasileira, já que veio para o Rio de Janeiro aos dois anos de idade:

Não tenho, claro, memórias de minha primeira infância em Albuquerque. Quando recuo no tempo, a sensação é de ter nascido no Rio de Janeiro, mais especificamente na praia de Copacabana – ali mesmo, sobre a areia, entre os pombos e o lixo que os frequentadores da praia deixavam para trás [...]. Nasci, portanto, aos dois anos de idade na praia de Copacabana (Lisboa: 2010, 38-9).

Já no romance de Paloma Vidal, a narradora-personagem é argentina, mas, quando era ainda muito jovem, mudou-se para o Brasil. Apesar de se mostrar bem adaptada aos costumes locais, ela ainda conserva os hábitos de sua cultura de origem, além de transitar entre as duas línguas, a portuguesa e a espanhola, conforme podemos observar em seu relato: “Uma vez viajei com ele para conhecer o mar. Foram vários dias a poucas quadras de uma praia muito larga e ventosa. Era ali, sob uma *carpa*, que eu passava a maior parte do dia, esperando-o” (Vidal: 2012, 104; grifo meu). O vocábulo espanhol “carpa” é traduzido para o português como “barraca” e a alternância entre os dois idiomas

ajuda a demonstrar o trânsito cultural e linguístico vivido pela personagem.

Em *O inventário das coisas ausentes*, ao contrário do que acontece nas narrativas anteriores, o país de desembarque é o Brasil. O deslocamento para uma nova cultura é demonstrado através da família de Nina, na primeira parte do romance. Por meio da leitura do narrador-personagem, nós, leitores, temos acesso ao trajeto feito pelas gerações da personagem feminina, saindo da Espanha em direção ao Chile e, depois, à Argentina, até Nina chegar ao Brasil. Nesse percurso, é possível perceber o choque cultural:

A avó materna de Nina nasceu na Espanha. Os pais eram de Castela. A Espanha passava por uma grande recessão. Muita gente imigrava para a América Latina, e a família tinha alguns parentes no Chile [...]. Instalaram-se em Santiago, num bairro de imigrantes espanhóis, e abriram uma pequena mercearia [...]. E ela cresceu assim, nessa família simples, austera e tradicional. Entre as tradições, havia uma que a afetava diretamente, criança, ainda não compreendia muito bem o que era, mas no início da adolescência, muito rápido percebeu do que se tratava. Apaixonou-se por um dos rapazes da colônia, jovem, trabalhador, e como ela, filho de espanhóis [...]. E, pela primeira vez, foram esclarecidas as regras da tradição, uma dessas tradições medievais do interior da Espanha, na realidade, uma única regra, porém definitiva: a filha mais velha estava destinada a cuidar dos pais e por isso devia permanecer solteira. A avó de Nina chorou, seu pretendente voltou a fazer o pedido inúmeras vezes, mas não houve jeito. Tradição era tradição, e se os

pais haviam se sacrificado por causa dos filhos, para criá-los, fazer deles pessoas decentes, dar-lhes um futuro, agora era mais do que justo que exigissem um pouco de obediência e gratidão (Saavedra: 2014, 19-20).

Esse choque cultural experimentado pelas personagens dos romances ilustra a condição vivenciada pelo estrangeiro: ele não consegue viver de forma plena o presente, pois está preso ao passado, já que é nele que se encontra a sua cultura de origem. Em Vanja, Nina e na narradora de *Mar azul*, podemos encontrar esta característica: por mais adaptadas que estejam à nova cultura, elas ainda se encontram presas aos costumes de seu país de nascimento. Dessa maneira, a partir delas, pode-se afirmar que o exilado vive em um entrelugar<sup>1</sup>, pois o tempo físico não corresponde ao de sua memória. Isso porque é no pretérito que ele encontra a segurança, uma vez que ela está associada à sua terra natal.

Para Edward Said, em *Reflexões sobre o exílio* (2003), esse entrelugar vivido pelo estrangeiro pode também evidenciar o lado positivo dessa experiência, uma vez que o exilado desenvolve uma visão comparativista por ter o conhecimento e a vivência de duas culturas, o que o distingue da maioria dos indivíduos que somente têm a experiência de viver em sua terra natal. Ele compara tudo o que vive na nova cultura com o que foi vivido em seu país de origem, como,

<sup>1</sup> Aqui, tomo de empréstimo a expressão criada por Silviano Santiago no ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano” (2000). Segundo o teórico, tanto a América Latina quanto o escritor latino-americano encontram-se em um “entrelugar” devido ao passado colonial e à relação com a antiga Metrópole, que permite uma reflexão crítica acerca de sua realidade. Dessa forma, entendo uma aproximação com a posição ocupada pelo estrangeiro, o qual também possui um olhar comparativo devido à sua experiência em duas culturas.

por exemplo, o comportamento dos habitantes locais, a comida ou até mesmo a paisagem e o clima. Com isso, o lugar de seu nascimento e o seu passado serão sempre utilizados como ponto de comparação com o local estrangeiro e o tempo presente. Podemos perceber isso nas personagens dos romances analisados: em *Azul corvo*, a personagem Vanja, logo em seus primeiros dias em Lakewood, observa e analisa os habitantes e a paisagem local, comparando-os ao Brasil:

Antes em Copacabana, havia: biquínis minúsculos. Bundas de fora [...]. Corpos musculosos correndo sob o sol. Corpos flácidos correndo sob o sol [...]. Agora, em Lakewood, havia: biquínis e maiôs grandes em tecidos que às vezes formavam papadas na bunda. Homens de bermuda. Na beira da piscina, pessoas comendo hambúrguer e batata frita e bebendo cerveja e refrigerante em copos king-size de papel (Lisboa: 2010, 18-9).

A análise da personagem evidencia a diferença entre os dois países, já que o comportamento dos indivíduos na vida em comunidade não é igual. Esse olhar sobre os habitantes é o mesmo produzido pela narradora de Paloma Vidal. Sua análise, porém, é mais crítica do que a de Vanja, pois ela se debruça no modo como o brasileiro constrói o seu discurso a partir do uso de diminutivos. A narradora demonstra consciência crítica acerca da produção discursiva dos falantes, mesmo tendo se acostumado com o modo de falar dos brasileiros:

Não me lembrou ninguém conhecido, mas senti familiaridade. Depois me dei conta de que tinha a ver com uma



desfaçatez que durante anos, desde que cheguei, me remetia à outra cultura, até que terminei tornando natural uma gentileza que no início me parecia forçada.

Creio que também foi assim para ele. Num dos poucos momentos em que meu pai fala sobre esse tipo de diferença, escreve: *Somos violentos, frontales y toscos. Pienso en el uso que hacen acá de los diminutivos* (Vidal: 2012, 149; grifos da autora).

Em *O inventário das coisas ausentes*, no entanto, a comparação entre as culturas ocorre de maneira implícita, já que não há menção à terra natal. O olhar comparativo acontece por meio da descrição do país estrangeiro, que se caracteriza como solitário, frio e distante. Sobre isso, Said afirma que a experiência de viver em uma outra cultura é de insatisfação e insegurança devido ao sentimento de deslocamento que o exílio traz. Desse modo, o exilado sente-se deslocado por não pertencer ao novo lugar e, por mais adaptado que esteja, algo sempre o trairá, denunciando a sua situação. Nos romances analisados neste trabalho, é possível perceber a existência de vários exemplos que deixam transparecer a estrangeiridade das personagens. Em Adriana Lisboa, Vanja reflete sobre sua condição ao se comparar com os norte-americanos, pois sob o sol sua tonalidade de pele a diferencia deles. Enquanto eles ficam vermelhos, ela fica bronzeada: “Assim como os outros latinos, e como os indianos, minha pele já bem marrom na origem ficava ainda mais marrom com uma hora de sol” (Lisboa: 2010, 17).

Já em Paloma Vidal e em Carola Saavedra, as personagens são lembradas de seu não pertencimento por outras pessoas. Em *Mar azul*, a narradora é interpelada pelo porteiro sobre uma notícia de

jornal que fazia referência à Argentina, o que não a deixa esquecer suas raízes e sua estrangeiridade:

Depois o dia teria ainda outras surpresas muito mais inquietantes, pois quando cheguei à portaria Seu José me esperava com o jornal aberto sobre sua mesa na página das notícias internacionais. Perguntou se era meu país e eu respondi que sim. Na manchete, a frase traduzida da outra língua, que me pus mentalmente a retraduzir como se a simples leitura não fosse capaz de entendê-la (Vidal: 2012, 169).

Em *O inventário das coisas ausentes*, a personagem Nina evidencia a sua estrangeiridade devido a seu sotaque espanhol, que é alertado pelo narrador. Com isso, vemos que o estrangeiro sempre será lembrado por sua condição de não pertencimento e, devido a isso, o novo país é considerado um lugar inseguro, já que será sempre considerado um intruso. A cultura de origem, então, demonstra-se como o único local possível para a segurança desse indivíduo e, por isso, a experiência do exílio mostra-se dolorosa, uma vez que se configura como “uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar” (Said: 2003, 46).

A respeito disso, Julia Kristeva, em *Estrangeiros para nós mesmos* (1994), afirma que a dor do exílio é semelhante ao sentimento de orfandade. O estrangeiro não quer fixar raízes na nova cultura porque acredita estar traindo a pátria-mãe, o que acaba provocando uma melancolia que o faz ser indiferente perante os demais. A partir disso, podemos compreender que a dor do exílio é um luto permanente, equivalendo-se à morte materna. Para o exilado, a saída da terra natal faz com que ele nunca mais volte a ser o mesmo; é uma

fratura que o acompanhará para sempre. Nas personagens de Adriana Lisboa, Paloma Vidal e Carola Saavedra, observa-se a presença dessa melancolia que caracteriza o estrangeiro: todas elas fazem da escrita o seu companheiro de escuta e, diante disso, podemos inferir que são pessoas solitárias, não conseguem encontrar o compartilhamento de sua dor nos outros indivíduos. Voltando a Said, isso acontece porque a vivência do exílio é subjetiva, assim como também ocorre com o luto: cada exilado sente de forma diferente a experiência e, por isso, não consegue encontrar companheiros de dor, tornando-se, então, melancólico e solitário. Em comum, apenas o sentimento de não pertencimento.

Dessa maneira, a experiência de deslocamento físico e emocional faz com que as personagens sintam a necessidade de compreensão própria. A vivência na cultura estrangeira desperta nelas a vontade de se entender, mas isso só se torna possível quando se compreende o outro, considerado um estranho. Nos romances, ele pode ser interpretado como a cultura estrangeira, já que as personagens sentem um estranhamento diante do novo lugar, mas também como o pai, pois este remete ao país de origem e à busca pela identidade. Entretanto, para elas, ele é um desconhecido devido à ausência durante a infância delas, o que impossibilita a procura pelo entendimento individual.

Assim, a ausência paterna é o mote das histórias de *Azul corvo*, *Mar azul* e *O inventário das coisas ausentes*. Em Adriana Lisboa, Vanja vai para os Estados Unidos e experimenta a condição de estrangeira devido à necessidade de conhecer o pai biológico, Daniel, logo após a morte da mãe. Já a narradora de Paloma Vidal inicia a sua escrita rememorando toda a sua juventude na Argentina, contrastando com o seu presente no Brasil por causa da leitura dos

cadernos íntimos do pai ausente. E é também por conta da busca de compreensão do filho que o pai do romance de Carola Saavedra escreve seus dezessete diários, visando desfazer os desentendimentos desse relacionamento. Logo, é possível perceber que não somente a experiência do exílio se constitui como uma fratura para as personagens, mas, sim, a não presença paterna durante a vida delas. Somente se pode ter o entendimento de si caso haja o conhecimento dele.

Conforme Stuart Hall (2011), essa necessidade de compreensão do outro acontece porque a identidade, contemporaneamente, não pode ser mais concebida como permanente e imutável, definida no momento do nascimento do indivíduo. Para o teórico, a alteridade é construída ao longo da vida, isto é, é um processo histórico, constituído mediante o relacionamento social. Com isso, vemos que as personagens procuram conhecer mais sobre a vida de seus pais, relembrar os momentos de partilha com eles, já que isso pode auxiliar no conhecimento desse indivíduo estranho e, conseqüentemente, permitir um entendimento melhor sobre si.

A importância paterna na constituição identitária das personagens pode ser explicada quando consideramos as afirmativas de Sigmund Freud (2014) acerca do aparelho psíquico e da instância denominada superego. Segundo o psicanalista, essa esfera – que junto à consciência e à inconsciência é responsável pelo desenvolvimento individual – corresponde à influência que o indivíduo recebe das pessoas que o cercam, principalmente durante a infância. Essas pessoas são seus pais, familiares e professores que alimentam a tradição, perpetuando-a na sociedade. Assim, Freud reconhece que o desenvolvimento do indivíduo passa pela relação da criança com as pessoas de sua convivência e, dessa forma, a identidade é construída a partir da relação com o outro já no período infantil, ideia que vai

ao encontro das ideias de Hall sobre a constituição identitária ser um processo social.

Com isso, podemos compreender que esse entrelugar ocupado pelas personagens provoca uma crise de identidade, pois evidencia os conflitos identitários. Conforme Hall, as transformações sociais da contemporaneidade abalaram a ideia que o homem possuía de ser um sujeito unificado, com a identidade definida a partir do nascimento, porque demonstraram que o indivíduo possui uma constituição identitária múltipla e contraditória, que é construída ao longo da vida. Para ele:

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma crise de identidade para o indivíduo (2011, 9).

Essas considerações de Hall são relevantes para a compreensão dos romances quando observamos os movimentos de volta ao passado das personagens. Elas rememoram situações ao longo da vida e o leitor pode acompanhar como elas mudaram ao longo do tempo. Isso é mais perceptível em *Azul corvo* e *Mar azul*, já que as duas protagonistas se lembram da infância, mas, principalmente, da adolescência, uma fase de transições. Tal período de mudanças se intensifica porque elas vivenciam a puberdade em meio ao contato com a outra cultura. Sobre isso, a narradora Vanja analisa: “Eu tinha

treze anos. Ter treze anos é como estar no meio de lugar nenhum [...]. Eu parecia me transformar progressivamente em outra coisa, como se estivesse passando por uma lenta mutação” (Lisboa: 2010, 16). Desse modo, podemos perceber que tanto Vanja quanto a narradora-personagem de Paloma Vidal ocupam o entrelugar não somente por serem estrangeiras, mas também por estarem na adolescência. Para Stefania Chiarelli (2016), a faixa etária das protagonistas mais a vivência na cultura estrangeira agudizam o caráter de transitoriedade das narrativas.

Assim, ao voltarmos às narrativas, vemos que a condição de estrangeiro e o conseqüente desenvolvimento de um olhar comparativo e crítico fazem com que essa crise de identidade seja mais aguda nas personagens. Devido a isso, elas buscam no passado, em seus países natais e nas suas famílias, os vestígios necessários ao conhecimento de si. No entanto, o tempo presente e a nova cultura as confrontam, tornando esse processo mais difícil, reforçando o entrelugar ocupado por elas. Isso pode ser observado principalmente nas protagonistas de *Azul corvo* e *Mar azul*, pois elas, com o tempo, demonstram estar adaptadas à nova cultura, mas, mesmo assim, conservam hábitos e costumes de seus locais de origem, além de reconhecerem que continuam sendo estrangeiras, mesmo depois de muito tempo na nova terra.

Desse modo, ao considerarmos Hall, vemos que o deslocamento físico das personagens provoca um deslocamento emocional, não somente devido à solidão e à melancolia do estrangeiro, mas também porque o sujeito contemporâneo é diariamente confrontado pelas múltiplas identidades. A nova cultura, então, acentua esses conflitos identitários, já que o exilado ocupa um entrelugar. Ao ficar preso à memória de sua terra natal, o estrangeiro procura a

segurança que não encontra no novo país. É ela quem vai fornecer os vestígios que ele acredita serem necessários para o entendimento de si, que também se encontram no conhecimento familiar.

### **Conhecendo o outro: as memórias de família**

Como vimos, as personagens dos romances procuram, no passado, lembranças que possibilitem o conhecimento de seus pais, que foram ausentes em suas vidas, principalmente durante o período da infância e da adolescência. Esse retorno ao tempo pretérito faz com que as histórias possam ser inseridas no que Eurídice Figueiredo (2016), retomando o conceito de Dominique Viart (2008), descreve como “narrativas de filiação”, que são definidas como romances baseados na reconstrução da identidade a partir da memória de família. Esta se torna importante porque é somente compreendendo a história familiar que se pode chegar ao entendimento próprio.

Essa história de família, porém, equivale aos vestígios de memória, já que é lacunar. O indivíduo não consegue ter acesso a tudo o que aconteceu e tenta (re)construir sua identidade a partir de tais lacunas, tornando-a, por isso, uma ficção, já que não corresponde ao que de fato aconteceu. Sobre isso, Figueiredo afirma que:

[as narrativas de filiação] dialogam com a ficção e a autobiografia; não são lineares, procuram recolher os fragmentos de uma herança e, para isso, precisam fazer uma busca, porquanto o narrador não conhece, senão de modo lacunar, aquilo que foi vivenciado pelos pais e avós. Em última instância, como a identidade se constrói através do outro, é preciso fazer reviver esse outro do passado (2016, 82).

Entretanto, esse outro não pode ser revivido por não corresponder à realidade e porque a sua imagem é construída a partir de lacunas. Nos romances, no entanto, podemos perceber que não há a tentativa de reviver esses momentos, mas, sim, de abordar os traumas e as rupturas sofridos, talvez em uma tentativa de aproximação e de reconhecimento com os pais. Em todas as narrativas, é possível observar que as histórias familiares apresentam fraturas, que podem ser pensadas como uma herança que perpassa as gerações. Indizível para aqueles que as sofreram, cabe aos filhos a elaboração discursiva da experiência, a partir dos vestígios que lhes foram deixados, constituindo-se o que Figueiredo afirma ser um “dever de memória” (2016, 92). Este, para ela, está associado também à dificuldade de amar, o que pode ajudar a explicar o difícil relacionamento entre pais e filhos e a ausência paterna durante a vida deles, já que o pai convive com os traumas do passado, ficando preso a ele.

Ainda de acordo com Figueiredo, é somente com a reconstrução dessas histórias que o indivíduo consegue entender melhor sua situação e o que herdou da família. Em *O inventário das coisas ausentes*, podemos perceber isso de modo mais explícito, principalmente com a personagem Nina. Na reconstituição da história familiar, podemos encontrar os traumas que atravessam as gerações, assim como a sensação de que algo foi perdido com o tempo. Essa perda, segundo os cadernos de Nina, iniciaram-se com a recusa de sua avó materna em se manter solteira, por ser a primogênita, dando continuidade à tradição espanhola medieval. A partir daí, outras tradições foram perdidas ao longo do tempo, provocando fraturas na história familiar e na relação entre pais e filhos.

Na segunda parte do romance, essa herança de fraturas fica mais evidente, não somente pelos diários que são deixados para o



filho, mas principalmente pela intenção do pai, que procura com isso uma aproximação entre eles através do entendimento de seus traumas:

Estes são os dezessete diários que eu escrevi nestes últimos dezessete anos, um longo exercício de rememoração, a infância, a adolescência, os anos de faculdade, a prisão, eu que nunca falei do tempo em que estive preso, está aí, tudo o que vivi, o que eu pensei, as pessoas, suas frases, seus nomes, está tudo aí, todo o tempo que eu passei lá, que é todo tempo do mundo, um tempo que não acaba (Saavedra, 2014, 26).

Logo, podemos compreender que, em Carola Saavedra, essa herança não fica somente no campo abstrato, mas também no concreto, já que os diários são os objetos que foram deixados para o filho. O mesmo acontece em Paloma Vidal, pois a história se descortina a partir da leitura dos cadernos íntimos paternos. Assim como acontece no outro romance, a narradora de *Mar azul* considera que os diários foram deixados como herança para ela, mesmo sem saber a real intenção paterna. No entanto, se em *O inventário das coisas ausentes* não sabemos se a leitura aproximou o filho do pai, em Paloma Vidal isso fica claro para o leitor, pois a protagonista, ao fim da narrativa, o confirma com a inscrição paterna da lembrança do único momento de partilha entre os dois: “É ela [a letra] quem chega primeiro a mais uma lista de datas e vai descendo pelas cifras até se encontrar no ano de 1952 com uma frase solitária: *ella vio el mar*. Fecho o caderno. Sorvo o mate” (Vidal: 2012, 168; grifos da autora).

Já em *Azul corvo*, a história de família acontece pelo lado materno de Vanja. A mãe, em comum com a filha, não possui um

bom relacionamento com o pai, apesar de conhecê-lo. Dessa maneira, pode-se afirmar que esta seja, talvez, a herança deixada para a protagonista: a fratura no relacionamento paterno. Além disso, Vanja afirma que, na família, as mães morrem prematuramente, dando a entender que essa seria outra herança de família, ou, ao menos, uma peculiar característica familiar: “As mães nesta família morrem cedo” (Lisboa: 2010, 36).

Em relação ao lado paterno, a narrativa de Adriana Lisboa difere das outras, porque a memória familiar presente no romance é de Fernando e não de Daniel, o pai biológico da narradora. As reminiscências da época em que militou contra a ditadura militar brasileira, sendo guerrilheiro no Araguaia, entrecortam a história de Vanja sobre a sua experiência de exílio nos Estados Unidos. Com isso, podemos considerar essas lembranças como uma herança familiar de Fernando para a protagonista, já que a narrativa se descortina a partir das memórias de Vanja mediante a morte de Fernando, sete anos depois da chegada dela a Lakewood.

Sobre isso, cabe ressaltar que tanto *Azul corvo* quanto *Mar azul* apresentam o que Chiarelli (2016) denomina “filiações simbólicas”, pois as narradoras desenvolvem, durante a adolescência, laços afetivos com o ex-marido da mãe e o vizinho e com a mãe da melhor amiga, respectivamente, representando e substituindo a família que não mais possuem. Em Adriana Lisboa, Vanja se aproxima de Fernando e de Carlos, seu vizinho salvadorenho, e são eles que se tornam sua família após a chegada aos Estados Unidos. Já em Paloma Vidal, a narradora, após ser abandonada pelo pai aos dez anos, desenvolve vínculos afetivos com a mãe de Vicky e com a própria amiga, uma vez que ambas se tornam o seu referencial familiar.

Voltando à questão da herança familiar, pode-se observar também que as personagens de *Azul corvo*, *Mar azul* e *O inventário das coisas ausentes* buscam, via memória, os momentos de partilha com os pais, a fim de que isso possa ajudar a conhecer um pouco mais sobre eles. Tais situações acontecem sob o testemunho do mar. Em Paloma Vidal, a lembrança mais marcante para a narradora é a primeira vez em que ela viu o mar. Foi o pai que a levou para conhecer e é essa reminiscência que ela procura na leitura dos diários paternos, confirmando a existência de algum vínculo entre eles. Entretanto, é também diante do cenário marítimo que a protagonista experimenta os primeiros momentos de solidão, que a preparam para o futuro abandono paterno:

A aprendizagem era então de espera. Eu ficava enquanto ele ia e vinha. *Voy y vuelvo*, ele dizia [...]. Quando o via aparecer era como um milagre porque tudo era tão incerto. Quem sabe ele tivesse morrido. Quem sabe um acidente, a prisão, um sequestro [...]. Lembro dessa mulher muito magra e com um monte de filhos que não me davam nenhuma bola. Só ela me olhava. Por sorte meu pai e eu sempre pudemos contar com uma vizinha. Então ele podia partir. E ele partia e me deixava olhando o mar revoltado e gelado, que recusava os banhistas (Vidal: 2012, 104-6; grifos da autora).

Dessa forma, o mar, apesar de ser testemunha do momento de partilha entre pai e filha, é também cenário do abandono e da solidão que caracterizam essa relação. O mesmo acontece em Carola Saavedra. Em ambos os capítulos, a praia serve como local para a atividade física de pais e filhos, mas o que os diferencia é a memória afetiva que as personagens guardam da paisagem marítima. Enquan-

to para Nina o mar era onde o pai a ensinava a nadar e não a deixava sozinha, não a desamparando, para o narrador, a lembrança é de solidão e humilhação, pois ele não conseguia acompanhar o ritmo da corrida paterna, e se sentia desamparado:

O menino corre na areia da praia, o menino olha para a frente, o menino olha para os próprios pés, para a frente, para os próprios pés, para a frente. Ao longe, quase indistinguível, o semblante de um homem, a figura aumenta e diminui de acordo com os passos do menino, ele tenta correr mais rápido, cada vez mais rápido, mas a figura que num momento chegara a estar bem próxima, se distancia novamente [...]. O menino senta-se na areia, o menino vê a figura do homem cada vez menor, até tornar-se um ponto apenas, um ponto no final da praia, a praia que não acaba nunca (Saavedra: 2014, 87).

A praia, então, para o narrador, evidencia a distância insuperável entre ele e o pai, não podendo, por isso, ser considerada um momento de partilha entre os dois, diferentemente do que acontece em *Mar azul*. Em *Azul corvo*, o mar está presente nas memórias de Vanja com a mãe, configurando-se como uma lembrança de compartilhamento entre elas, mas também de abandono, já que é diante dele que Suzana revela a Vanja que está com câncer. No entanto, é na reminiscência da paisagem marítima que a protagonista se refugia durante seus momentos de solidão em Lakewood:

Penso em Copacabana. Fecho os olhos e mesmo que eu escute *Acoustic Arabia* e tenha acendido um incenso japonês

destinado a templos zen-budistas, o que chega aos sentidos, via memória, é um cheiro vago de maresia, um gosto vago de picolé de fruta misturado com areia e água do mar. E o ruído das ondas fervendo na areia, e a voz do vendedor de picolé sob o sol úmido do Rio (Lisboa: 2010, 38; grifos da autora).

Assim, por mais que o cenário marítimo tenha sido testemunha do anúncio da morte materna, ele é o amparo da protagonista na terra estrangeira, principalmente em seus primeiros dias. O mar é o principal ponto de comparação entre Copacabana e Lakewood, pois as memórias afetivas com sua mãe foram construídas diante dele. Com isso, podemos perceber que, nos romances analisados, a paisagem marítima se constitui de modo paradoxal, já que ao mesmo tempo em que aproxima, por ser um momento de partilha entre pais e filhos, também evidencia o distanciamento dessa relação. No entanto, ao tentarem recuperar tal memória, ou ao menos o vestígio dela, as personagens buscam conhecer esse outro ausente e desconhecido, além de poderem elaborar discursivamente os traumas e as fraturas que compõem a história familiar, cumprindo, então, o dever de memória.

### **Os vestígios de memória e de alteridade: breves considerações**

A partir da análise dos romances trabalhados, foi possível entender que a memória desempenha um papel muito importante para as personagens, já que é por meio dela que se pode encontrar a segurança do país de origem, durante o exílio, ratificando o entrelugar ocupado pelo estrangeiro, e também os vestígios que possibilitam algum conhecimento da figura paterna. A rememoração, porém, ao

mesmo tempo em que é um refúgio, evidencia uma fratura, pois o passado difere muito do presente e este se apresenta como hostil para as personagens, uma vez que suscita a necessidade do entendimento de si, além de demonstrar que os laços familiares foram construídos de forma frágil e superficial.

Nas histórias, a procura pelo conhecimento próprio faz com que a identidade seja entendida como processo social, construída mediante o relacionamento com os outros – o que ratifica as proposições de Hall (2011) – e também com a família, que, para Freud (2014), é um agente fundamental e constituidor do aparelho psíquico durante a infância do indivíduo. No entanto, a ausência e o desconhecimento paterno caracterizaram tal período da vida das personagens e, diante da experiência solitária e deslocada do exílio, há a necessidade de conhecimento do pai para que se possa ter o entendimento próprio. Somente é possível conseguir esse conhecimento através das lacunas da história da família.

Esses vestígios dizem respeito às experiências traumáticas que compõem a história familiar. Exílio, deslocamento e rupturas são eventos indizíveis para esses pais, mas que podem ser comunicados através da próxima geração. A herança desses filhos, então, não está somente no plano material – como se pode observar nos diários paternos deixados para as protagonistas de Paloma Vidal e Carola Saavedra –, mas principalmente na relação fraturada entre eles e seus pais.

Assim, as protagonistas de *Azul corvo*, *Mar azul* e *O inventário das coisas ausentes*, ao procurarem abordar as lembranças de família e, principalmente, os momentos de partilha com os pais – que possuem o mar como testemunha paradoxal, o qual ao mesmo tempo em que aproxima, evidencia o distanciamento –, não tentam reviver tais ins-

tantes. Elas elaboram discursivamente esses traumas que, além de se configurarem como uma herança, também se constituem como parte integrante e formadora de suas alteridades, para que assim, talvez, possam conseguir uma aproximação com os pais, reconhecendo-os em suas identidades.

## Referências

- CHIARELLI, Stefania. “Forasteiras – a prosa de Adriana Lisboa e Paloma Vidal”. In: DAFLON, Claudete; DEMETRIO, Matildes & GABERO, Maria Fernanda (orgs.). *Agentes do contemporâneo*. Niterói: EdUFF, 2017, pp. 159-70.
- FIGUEIREDO, Eurídice. “A narrativa de filiação de escritores judeus brasileiros”. In: CHIARELLI, Stefania & OLIVEIRA NETO, Godofredo de (orgs.). *Falando com estranhos: o estrangeiro e a literatura brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016, pp. 81-90.
- FREUD, Sigmund. “O aparelho psíquico”. In: \_\_\_\_\_. *Compêndio da psicanálise*. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2014, pp. 43-48.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LISBOA, Adriana. *Azul-corvo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- SAAVEDRA, Carola. *O inventário das coisas ausentes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SANTIAGO, Silviano. “O entre-lugar do discurso latinoamericano”. In: \_\_\_\_\_. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre a dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- VIDAL, Paloma. *Mar azul*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.



## Resumo

Os romances *Azul corvo* (2010), de Adriana Lisboa, *Mar azul* (2012), de Paloma Vidal, e *O inventário das coisas ausentes* (2014), de Carola Saavedra, possuem em comum protagonistas femininas que, em meio à experiência do exílio, buscam a compreensão de si. Em um ambiente hostil e inseguro, a nova cultura desperta nelas a necessidade da volta ao passado e do conhecimento de suas identidades. Este, no entanto, somente se torna possível quando se alcança o entendimento da história familiar, que é atravessada por traumas e rupturas. Com pais estranhos, sendo eles ausentes ou desconhecidos, as personagens procuram, nos poucos momentos de partilha, testemunhados pelo mar, os vestígios de memória que tornam possível o esclarecimento da composição de suas alteridades. Assim, este trabalho tem como objetivo a reflexão de temáticas como estrangeiridade, construção identitária e ausência paterna, sob a luz de teóricos como Edward Said, Julia Kristeva e Stuart Hall. Tais temas, que se descortinam e se entrelaçam nas narrativas, demonstram ser relevantes, pois também refletem e problematizam o indivíduo contemporâneo.

**Palavras-chave: estrangeiridade; história familiar; ausência paterna; identidade.**

## Abstract

The novels *Azul corvo* (2010), by Adriana Lisboa, *Mar azul* (2012), by Paloma Vidal, and *O inventário das coisas ausentes* (2014), by Carola Saavedra, have in common female protagonists who, on the experience of exile, search the understanding of themselves. In a hostile and insecure environment, the new culture awakes in them the need to turn back to the past in order to obtain the knowledge of their identities. This, however, only becomes possible when they have the comprehension of the family history, which is crossed by traumas and disruptions. With unfamiliar fathers, who may be absent or unknown, the characters search for traces of memory that might clarify their identities in the few moments

of togetherness, which have the sea as witness. So, our research has as goals the investigation of themes such as foreignness, the construction of identity and the paternal absence, with the support of theorists as Edward Said, Julia Kristeva and Stuart Hall. Those themes, which are intertwined in the three narratives, prove to be important because they also pertain to the contemporary individual.

**Keywords: foreignness; family history; paternal absence; identity.**